



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**AMANDA DA SILVA OLIVEIRA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: CONCEPÇÕES DE  
PROFESSORES DA LÍNGUA PORTUGUESA DE ESCOLAS PÚBLICAS E  
PARTICULARES DA CIDADE DE GUARABIRA - PB**

**GUARABIRA  
2024**

AMANDA DA SILVA OLIVEIRA

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: CONCEPÇÕES DE  
PROFESSORES DA LÍNGUA PORTUGUESA DE ESCOLAS PÚBLICAS E  
PARTICULARES DA CIDADE DE GUARABIRA - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

**Área de concentração:** teoria e análise linguística.

**Orientadora:** Profa. Dra. Anilda Costa Alves.

**GUARABIRA  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48v Oliveira, Amanda da Silva.  
A variação linguística no contexto escolar [manuscrito] : concepções de professores da língua portuguesa de escolas públicas e particulares da cidade de Guarabira - PB / Amanda da Silva Oliveira. - 2024.  
31 p. : il. colorido.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.  
"Orientação : Profa. Dra. Anilda Costa Alves, Departamento de Letras - CH. "

1. Sociolinguística. 2. Ensino de Língua Portuguesa. 3. Variação Linguística. 4. Preconceito Linguístico. I. Título  
21. ed. CDD 469.07

AMANDA DA SILVA OLIVEIRA

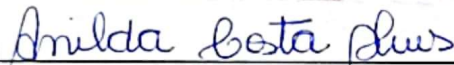
A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado ao  
Departamento do Curso de Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito à obtenção do título  
de Licenciada em Letras-Português.

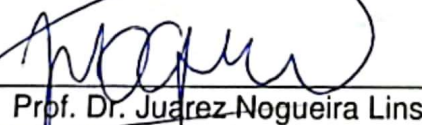
Área de concentração: teoria e  
análise linguística.

Aprovada em: 13/06/2024

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Anilda Costa Alves (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Juárez Nogueira Lins  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, pela dedicação,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

Do ponto de vista mais estritamente linguístico, o ensino e línguas poderia promover a formação do cidadão: [...] acatando e valorizando a *pluralidade* linguística que se manifesta nos mais variados falares nacionais, abominando, assim, todo e qualquer resquício de discriminação ou preconceito por este ou aquele modo de falar (Antunes, 2009, p. 43).

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil dos participantes da pesquisa.....	15
Quadro 2: Questionário realizado com os professores.....	16
Quadro 3: (Questão 05) O que mais você sente dificuldade no ensino de Língua Portuguesa? .....	17
Quadro 4: (Questão 06) Numa escala de 1 a 5 (1 = desnecessário; 2 = razoável; 3 = bom; 4 = importante; 5 imprescindível), de que forma você considera a importância que deve ser dada aos conteúdos listados a seguir nas aulas de Língua Portuguesa? .....	19
Quadro 5: (Questão 07) Você já presenciou algum tipo de preconceito linguístico em sua sala de aula? Se, sim. Relate o ocorrido.....	21
Quadro 6: (Questão 08) Você acredita que o preconceito deve ser trabalhado em sala de aula. Por quê? .....	22
Quadro 7: (Questão 09) De que forma você acredita que o preconceito linguístico deve ser trabalhado em sala de aula?.....	22
Quadro 8: (Questão 10) Cite 3 benefícios que o domínio da gramática tradicional normativa pode trazer aos alunos.....	23
Quadro 9: (Questão 11) Imagine a seguinte situação hipotética: um aluno começa a rir de outro colega em sala de aula porque diz que ele não sabe falar, que ele diz “bicicreta” ao invés de “bicicleta”. Como professor, de que forma você tentaria resolver essa situação?.....	25
Quadro 10: (Questão 12) Você encontra dificuldades no ensino da língua portuguesa? Caso sim, quais?.....	26
Quadro 11: (Questão 13) Em sua opinião, quais impactos o preconceito linguístico pode causar à vida do estudante?.....	27

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais



## Sumário

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 A variação linguística.....	11
2.2 O preconceito linguístico .....	12
2.3 A variação linguística e o ensino da língua .....	13
3 METODOLOGIA.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
REFERÊNCIAS .....	30

## A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: CONCEPÇÕES DE PROFESSORES DA LÍNGUA PORTUGUESA DE ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES DA CIDADE DE GUARABIRA - PB

Amanda da Silva Oliveira (UEPB)<sup>1</sup>

### RESUMO

A variação linguística é um fenômeno comum a todas as línguas, em que são apresentadas transformações, evoluções e adaptações na comunicação dos falantes. Com base nisso, o objetivo geral do nosso estudo consiste em analisar a visão de professores de Língua Portuguesa acerca da temática da variação linguística. Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter descritivo, o instrumento utilizado para coleta de dados consistiu em um questionário direcionado para sete docentes de escolas públicas e particulares da cidade de Guarabira do estado da Paraíba, que atuam na educação básica como professores de Língua Portuguesa. O referencial teórico abrangeu os estudos de Antunes (2009), Bagno (2009), Bortoni-ricardo (2014), Coelho *et al.*, (2015), Libâneo (2013), Oliveira (2010), e os documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) e Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018). As concepções dos docentes da escola pública reconheceram a importância de a temática do preconceito linguístico ser discutida com os alunos e trabalhada em sala de aula, porém dois dos professores de escolas particulares deram maior ênfase à instrução da gramática normativa. As respostas dos professores participantes da pesquisa demonstraram estratégias de ensino eficientes para conscientizar os discentes sobre a gravidade da discriminação pela língua. Logo, consideramos a nossa pesquisa indispensável para ressignificar a importância do trabalho com a variação linguística em sala de aula de quaisquer redes educacionais.

**Palavras-Chave:** Variação linguística; Sociolinguística; Ensino de Língua Portuguesa; Preconceito linguístico.

### ABSTRACT

Linguistic variation is a phenomenon common to all languages, in which transformations, evolutions and adaptations are presented. Based on this, the general objective of our study is to analyze teachers' views on the topic of linguistic variation. We carried out research with a qualitative and descriptive approach, the instrument used for data collection consisted of a questionnaire directed to seven teachers from public and private schools in the city of Guarabira in the state of Paraíba, who work in basic education as Portuguese language teachers. . The theoretical framework covered the studies by Antunes (2009), Bagno (2009), Bortoni-ricardo (2014), Coelho *et al.*, (2015), Libâneo (2013), Oliveira (2010), and the official documents: Parameters Curriculares National – PCN (1998) and Common National Curricular Base – BNCC (Brazil, 2018). The views of public school teachers recognized the importance of the topic of linguistic prejudice being discussed with

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III – Guarabira (PB). E-mail: [amandamariab3@gmail.com](mailto:amandamariab3@gmail.com).

students and worked on in the classroom, however two of the private school teachers placed greater emphasis on the instruction of normative grammar. The responses from teachers participating in the research demonstrated efficient teaching strategies to raise students' awareness of the seriousness of discrimination based on language. Therefore, we consider our research indispensable to reframe the importance of working with linguistic variation in the classroom of any educational network.

**Keywords:** Linguistic variation; Sociolinguistics; Teaching Portuguese Language; Linguistic prejudice.

## 1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a variação linguística é um fenômeno natural que acontece quando a língua passa por transformações, processos de evolução e/ou adaptação, sendo a dinamicidade uma de suas características. Isto é, “A variação ocorre em todos os níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico-lexical, discursivo), atestando a visão de língua como um sistema heterogêneo” (Coelho *et al.*, 2015, p. 8).

As línguas são suscetíveis à variação, bem como às mudanças. No estudo da Sociolinguística Variacionista, podemos compreender quais fatores influenciam a comunicação entre os falantes, visto que há diferentes formas empregadas no falar e no escrever. Vale ressaltar que cada significado construído no processo de formulação linguística tende a ser determinado por condicionadores linguísticos e sociais.

Sob essa ótica, no que tange à escola, os professores podem desenvolver uma prática educativa que evidencie essa riqueza linguística cultural existente em nossa sociedade. Nesse sentido, é provável que, ao mediar discussões referentes aos contextos de uso da língua em sala de aula, os docentes realizem uma reflexão sobre as variedades linguísticas de maior ou de menor prestígio, bem como da diversidade linguística existente no Brasil, o que ajudará na luta contra o preconceito linguístico.

A pergunta de pesquisa propôs investigar, quais as concepções de professores de Língua Portuguesa sobre o entendimento e a importância do trabalho com a variação linguística. Nessa perspectiva, a variação linguística é um fenômeno natural das línguas humanas que adentra aos muros escolares. Diante disso, faz-se importante saber como os docentes trabalham com a variação linguística diante de suas realidades escolares.

Nesse sentido, o objetivo geral do presente estudo consiste em analisar a visão de professores de Língua Portuguesa acerca da temática da variação linguística. Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: (i) perceber qual a importância do trabalho com a variação linguística em sala de aula; (ii) compreender de que forma os professores trabalham o preconceito linguístico; e (iii) apresentar concepções de docentes da educação básica acerca do fenômeno da variação linguística.

Para a pesquisa, consideramos uma metodologia de natureza qualitativa, já que a “[...] análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os

pressupostos teóricos que nortearam a investigação” (Gil, 2002, p. 133). Além disso, a pesquisa é de caráter descritivo.

Ao visar uma maior solidez para nosso estudo, lançamos mão dos pressupostos teóricos postulados por Bagno (2009), Coelho *et al.* (2015), dentre outros. Além disso, também usamos, para a fundamentação teórica, documentos oficiais: os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2019).

Além dessa seção introdutória, esse artigo está dividido em quatro unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: 2 Referencial teórico, o qual se divide nas seguintes subseções: 2.1, que trata da variação linguística; 2.2, que apresenta considerações sobre o preconceito linguístico; 2.3, a qual discute sobre a variação linguística e o ensino da língua. Na seção 3, expomos a metodologia. Na seção 4, abordamos os resultados e discussões; por fim, na seção 5, temos as considerações finais, seguida das referências, apêndice e do anexo.

## 2 A URGÊNCIA DO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Com base em nossos estudos referentes à variação linguística, em termos de fundamentação teórica, contribuem “para o entendimento de questões como a do preconceito linguístico e para a construção de uma prática pedagógica consciente e reflexiva acerca dos usos linguísticos no ensino da língua materna” (Coelho *et al.*, 2015, p. 8).

Nessa perspectiva, uma das fontes para fundamentação desse estudo foi o livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, de Bagno (2009), em que o autor discute sobre o que ele nomeou de Mitologia do preconceito linguístico. Para Bagno (2009, p. 14), trata-se de “[...] mitos e fantasias que qualquer análise mais rigorosa não demora a derrubar”.

Nesse caso, não se pode exigir de todos os falantes o uso da norma padrão, “Mas, é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico” (Bagno, 2009, p. 09). O autor menciona que foi criado um equívoco entre a língua e a gramática normativa, o qual o estudioso se propôs a desfazê-lo e a esclarecer aos leitores. Vê-se que a gramática normativa não é a língua, mas uma tentativa de descrevê-la (Bagno, 2009). Além disso, ele destaca que

[e]ssa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua – afinal, a ponta do *iceberg* que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas, é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico (Bagno, 2009, p. 10, grifo do autor).

Nessa conjuntura, Bagno (2009) afirma que o livro é o resultado de reflexões formuladas sobre o preconceito linguístico. O autor compartilhou conclusões que ele construiu mediante a interação e a discussão consolidadas nas diversas palestras apresentadas ao longo do ano de 1998.

Sendo assim, o preconceito linguístico é um tema de suma importância para os dias atuais, porque esse mecanismo de exclusão permanece acontecendo na rua, no trabalho, na escola, entre outros tantos lugares. Ademais, há urgência em

clarificar a existência do fenômeno da variação linguística, “[...] tão natural e tão antigo na história das línguas” (Bagno, 2009, p. 52). A seguir, evidenciamos os aspectos da variação linguística à luz dos estudos de Coelho *et al.* (2015).

## 2.1 A variação linguística

No que diz respeito à língua como instituição social e meio de comunicação dos sujeitos, ela não pode ser concebida como uma estrutura pronta e acabada, mas variável e mutável. A respeito da Sociolinguística Variacionista, Coelho *et al.*, (2015) pontua que os estudiosos destacam algumas terminologias consideradas como primeiras noções, são elas: variação, variável, variante e variedade, que caracterizam os diferentes falares.

A variação linguística acontece na manifestação verbal dos falantes, visto se tratar de um fenômeno natural e cultural determinado por condicionadores linguísticos e sociais, bem como é inerente às línguas e não causa prejuízos à comunicação (Coelho *et al.*, 2015). Ainda como Coelho *et al.*, (2015, p. 16) esclarece:

A variação é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado. Para um sociolinguista, o fato de uma comunidade, ou mesmo na fala de um único indivíduo, conviverem tanto a forma do ‘tu’ quanto a forma ‘você’ não pode ser considerado marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento (grifos dos autores).

Sabendo que a variação é um fenômeno, a variável é como uma categoria da língua, “Comumente, chamamos de **variável** o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata [...]” (Coelho *et al.*, 2015, p.17, grifo dos autores). Já as variantes são formas individuais, a exemplo de quando interagimos com pessoas distintas, pois, dependendo do grau de afinidade e/ou formalidade, podemos alternar o uso da forma “tu” e da forma “você” (que são variantes), para representar a expressão pronominal da segunda pessoa do singular — que é a variável.

Nesse sentido, a variedade acontece quando nos deparamos com a fala de diferentes grupos sociais, ou seja, “Damos o nome de **variedade** à fala característica de determinado grupo” (Coelho *et al.*, 2015, p.14, grifo dos autores). Além disso, “Na Sociolinguística Variacionista, *dialeto* e *falar* são sinônimos de *variedade*” (Coelho *et al.*, 2015, p. 15, grifos dos autores).

Seguindo o critério geográfico, notamos as distinções no modo de falar das pessoas cariocas (da cidade do Rio de Janeiro) e das gaúchas (pertencente à região sul). A variedade carioca e a variedade gaúcha são dois dos exemplos da imensa diversidade de falares existentes em nosso país.

Ademais, é desonesto afirmar que há uma hierarquia entre essas variedades, que uma delas é mais bonita ou correta do que a outra. Desse modo, “Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam” (Bagno, 2009, p. 47).

Dentro da perspectiva da variação, as forças que agem sobre as línguas são os condicionadores linguísticos (internos) e os sociais (externos e/ou

extralinguísticos), os quais motivam as construções linguísticas enunciadas pelos sujeitos, ao condicionar o uso de uma ou outra variante. Sendo assim,

[n]o primeiro caso, são também chamados de condicionadores *linguísticos*. Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença, a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc. No segundo caso, são também chamados de condicionadores *extralinguísticos*. Entre os condicionadores extralinguísticos de natureza social, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante (Coelho, *et al.*, 2015, p. 20, grifo dos autores).

Sendo assim, a variação linguística representa as diferentes comunidades de fala em uma sociedade. Desse modo, é errôneo pensar que existe apenas uma maneira correta de falar a Língua Portuguesa — aquela predominante da norma padrão. Nesse viés, devemos considerar a identidade cultural dos indivíduos, ao observar os diferentes dialetos. Conforme os PCN (Brasil, 1998) afirmam:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e porque se diz determinada coisa (Brasil, 1998, p. 26).

Dessa maneira, sabemos que há momentos em que as regras gramaticais da norma padrão precisam ser empregadas, rigorosamente, e isso precisa estar bem esclarecido no contexto escolar. No entanto, não fechemos os olhos para o cotidiano, no qual os sujeitos sociais não fazem uso da gramática normativa purista em seus falares que, por vezes, sofrem preconceito linguístico, sendo caracterizados como variedades linguísticas inferiores, a exemplo do falar do homem do campo, do nordestino, da pessoa que mora na periferia, entre outros.

Em suma, não há uma forma de comunicação única no ato comunicativo, o que faz da nossa cultura linguística rica. Logo, não tem fundamento cometer o preconceito linguístico, conforme veremos a seguir.

## 2.2 O preconceito linguístico

O preconceito linguístico é um fenômeno materializado quando há rejeição de variedades linguísticas diferentes do que as normas exigidas pela gramática normativa. Ou seja, em nossa sociedade, permanece enraizada na credence do falar “certo” ou falar “errado” (visão equivocada), levando muitos indivíduos que dominam a norma culta a discriminarem os falantes que se expressam de maneira diferente a esse modelo:

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o

segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo (Bagno, 2009, p. 16).

Segundo Bagno (2009), as diferenças de *status* social em nosso país geram, “[...] um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola” (p. 15). O autor não desconsidera o uso da variedade culta, porém critica sua supervalorização e, principalmente, a marginalização das variedades não padrão.

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, o indicado é que os docentes conscientizem os estudantes sobre a heterogeneidade e a variabilidade linguística. Além disso, é importante explicar sobre os momentos em que o uso da língua demanda a prescrição normativa, a exemplo da língua usada em sua modalidade escrita, que, geralmente, é realizada de forma monitorada, adequada às normas do sistema linguístico.

Por isso, torna-se necessário esclarecer sobre a existência da diversidade linguística, principalmente em nosso país, haja vista que a língua é viva na diversidade de seus usos e exercida por milhares de pessoas que se comunicam diariamente, seja na modalidade escrita e/ou oral, bem como na modalidade sinalizada.

No entanto, apesar de um notável avanço no que tange à importância da dinamicidade da língua, ainda é intensa a discriminação voltada às pessoas que falam e/ou escrevem distintamente da variedade padrão, provocando, assim, o preconceito linguístico. Desse modo, na sala de aula, os docentes têm a oportunidade de combater, o máximo possível, atitudes que desprestigiam os falares dos sujeitos sociais e discutir sobre o impacto gerado por esse tipo de preconceito.

### 2.3 A variação linguística e o ensino da língua

Vale pontuar que, em toda língua, existe uma norma padrão, ou seja, a forma de uso da língua que privilegia as variedades consideradas cultas. Como consequência, as diferentes variedades linguísticas existentes podem ser alvo de discriminação social. Em relação à diversidade do português brasileiro, Bagno (2009, p. 15) cita um dos mitos disseminados em nossa sociedade, o da Unidade Linguística:

[...] (pre)conceito irreal da “unidade linguística do Brasil”. Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.

Para os PCN (Brasil, 1998), “O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o ensino para o respeito à diferença” (p. 26). Diante disso, a escola, em sua perspectiva inclusiva, insere na sala de aula a existência da língua usada em formas menos prestigiadas e aquela interessante para a escola, para o mercado de trabalho e para diversas outras

situações, que exigem o uso normativo da gramática. Segundo a BNCC (Brasil, 2018, p.81) expõe:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado.

Nesse caso, muitas pesquisas realizadas no âmbito da Sociolinguística Variacionista oferecem propostas de trabalho pedagógico de combate ao preconceito linguístico. Então, “[...] para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma ‘certa’ de falar – a que se parece com a escrita [...]” (Brasil, 2018, p. 26, grifo do autor).

Embora não devamos, jamais, tornar inferior uma língua e/ou uma variedade da língua em uso, advinda de uma comunidade de fala, mas, na educação básica, por exemplo, os professores, especialmente os de Língua Portuguesa, são responsáveis pelo ensino da gramática, da ortografia oficial, entre outros pontos, para levar os alunos a entenderem a estrutura e o funcionamento da língua materna.

Assim, entre desafios e possibilidades, os docentes de Língua Portuguesa devem apresentar diferentes tipos de textos que circulam em nossa sociedade, denominados como gêneros textuais. Ademais, podem demonstrar os aspectos que emergem da comunicação verbal dos indivíduos sociais que estão presentes nos textos, pensar e desenvolver propostas didáticas que oportunizem o debate sobre a variação linguística, realidade que acontece dentro da escola e para além de seus muros, ajudando os estudantes a refletirem sobre a língua em contextos reais.

O ensino que contempla o estudo sobre a variação linguística desenvolve o caráter humanizador e evidencia as atitudes linguísticas citadas por Lima (2018, p. 95), “[...] entende-se atitude como uma espécie de juízo de valor em que determinado falante expressa seus julgamentos avaliativos, sejam esses positivos ou negativos, relacionados à sua própria língua ou a língua do outro”. Nesse cenário, as atitudes que inferiorizam (ou não) essas falas são denominadas **Atitudes Linguísticas**.

As Atitudes Linguísticas podem ser negativas (que provavelmente geram desconforto e/ou traumas) e positivas — valorizando a identidade do sujeito que expressa a comunicação de maneira diferente da norma padrão. Dessa maneira, elas procedem às ações favoráveis ou não em relação ao modo de falar do outro.

Diante desse quadro, é de interesse que o ensino de línguas desenvolva uma abordagem educativa que motive as atitudes linguísticas positivas, privilegiando o pensar crítico, posicionado, argumentativo, dentre outras atribuições que fazem parte da formação humana. À vista disso, o professor precisa realizar uma mediação que desperte nos alunos o entendimento das diferenças, que trabalhe o respeito à diversidade linguística, e que os conscientize acerca da existência dos diferentes usos e falares.

Para tanto, os educadores precisam fomentar nos estudantes a reflexão sobre a enunciação de julgamentos positivos e/ou negativos acerca do uso da língua, estando cientes de que, em certos contextos, predominará um uso em detrimento de outros. Portanto, o ambiente escolar é um importante espaço de combate ao preconceito linguístico.



Após finalizar a seção que embasa o referencial teórico do presente estudo, passemos para a seção seguinte, em que tratamos sobre os passos metodológicos da pesquisa.

### 3 METODOLOGIA

Com base na classificação desse estudo, a pesquisa abrange o caráter descritivo. Para Gil (2002, p. 42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Para tanto, a natureza de abordagem é qualitativa. Segundo Gil (2002, p. 134), “A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos que nortearam a investigação”, o que possibilita a compreensão dos resultados.

Em relação ao universo da pesquisa, conseguimos a participação de 07 professores da educação básica, 04 de escolas públicas e 03 de escolas particulares pertencentes à cidade de Guarabira (Brejo Paraibano). No primeiro momento, entrei em contato com os professores por meio do aplicativo *WhatsApp*. Depois disso, entreguei os questionários, pessoalmente, para que eles respondessem ao questionário da pesquisa. Então, estabelecemos os seguintes códigos para nomear os participantes da pesquisa: Professora R, Professora M, Professor P, Professora K, que atuam em escolas particulares, e os demais docentes, Professor L, Professora I, e Professora J trabalham em escolas públicas. O universo da pesquisa está ilustrado no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1: Perfil dos participantes da pesquisa

<b>Professor/a participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação Profissional</b>	<b>Tempo de Trabalho</b>	<b>Instituição Escolar</b>
Professora R	36 anos	Pós-graduação	08 anos	Pública
Professora M	49 anos	Licenciatura plena em Letras	23 anos	Pública
Professor P	34 anos	Licenciatura em Letras-Português	10 anos	Pública
Professora K	33 anos	Licenciatura em Letras-Português	06 anos	Pública
Professora I	44 anos	Licenciatura plena em Letras	16 anos	Particular
Professor L	43 anos	Licenciatura em História e Letras	19 anos	Particular
Professora J	35 anos	Pós-graduação (Especialização)	08 anos	Particular

Fonte: a autora (2024)

O objeto pesquisado no presente estudo visou entender questões relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa. A pergunta norteadora da pesquisa questionou: quais as concepções de professores de Língua Portuguesa sobre o entendimento e a importância do trabalho com a variação linguística? A problemática foi respondida, por meio de um questionário que elaboramos em conjunto,

graduanda e orientadora, que foi utilizado como instrumento para o levantamento de dados dessa pesquisa.

Segundo Kauark, Manhães; Medeiros (2010, p. 58), “O questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. A confecção é feita pelo pesquisador; o preenchimento é realizado pelo informante”. Assim, elaboramos 13 questões, sendo que apenas uma delas é fechada, e as demais são abertas, conforme demonstrado no quadro 2.

**Quadro 2: Questionário realizado com os professores**

1. Nome completo:					
2. Data de nascimento:					
3. Formação profissional:					
4. Há quanto tempo leciona Língua Portuguesa:					
5. O que mais você sente dificuldade no ensino de Língua Portuguesa?					
6. Numa escala de 1 a 5 (1 = desnecessário; 2 = razoável; 3 = bom; 4 = importante; 5 imprescindível), de que forma você considera a importância que deve ser dada aos conteúdos listados a seguir nas aulas de Língua Portuguesa?					
Leitura de obras literárias	1	2	3	4	5
Ensino de vocabulário	1	2	3	4	5
Produção de textos (redação)	1	2	3	4	5
Ensino de gramática	1	2	3	4	5
Variações linguísticas	1	2	3	4	5
7. Você já presenciou algum tipo de preconceito linguístico em sua sala de aula? Se, sim, relate o ocorrido.					
8. Você acredita que o preconceito deve ser trabalhado em sala de aula? Por quê?					
9. De que forma você acredita que o preconceito linguístico deve ser trabalhado em sala de aula?					
10. Cite três benefícios que o domínio da gramática tradicional normativa pode trazer aos alunos.					
1.					
2.					
3.					
11. Imagine a seguinte situação hipotética: Um aluno começa a rir de outro colega em sala de aula porque diz que ele não sabe falar, que ele diz “bibicreta” ao invés de “bicicleta”. Como professor, de que forma você tentaria resolver essa situação?					
12. Você encontra dificuldades no ensino da língua portuguesa? Caso sim, quais?					
13. Em sua opinião, quais impactos o preconceito linguístico pode causar à vida do estudante?					

Fonte: a autora (2024)

Sendo assim, os dados coletados são as respostas discursivas apresentadas pelos professores participantes da pesquisa, que nos ofereceram possibilidades de compreensão do objeto investigado, que compreendeu o estudo da variação linguística. Segundo Coelho *et al.*, (2015), a variação linguística é um fenômeno

estudado pela Sociolinguística, cuja área de investigação abrange a relação entre a língua enunciada pelos falantes e a sociedade onde vivem.

Desse modo, para analisar os dados, realizamos a descrição das respostas dos docentes, e fizemos a interpretação para esmiuçar as possíveis conclusões, conforme demonstrado a seguir nos resultados e discussões.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das respostas dos professores participantes da pesquisa, realizamos a transcrição e a análise de como é desenvolvido o trabalho com a variação linguística em sala de aula. E, dentro da realidade do universo pesquisado, compreendemos as estratégias da ação docente diante de situações em que o preconceito linguístico ocorreu, a fim de combatê-lo.

Devido a isso, expomos uma descrição das concepções de professores de Língua Portuguesa da educação básica, proveniente de questões que têm por base o fenômeno da variação linguística, conforme a vivência educacional de cada profissional. Assim, as questões de 01 a 04 buscaram conhecer o perfil profissional de cada participante, conforme apresentado no quadro 01, na seção da metodologia.

Posteriormente, no quadro 03, constam as respostas dos professores em relação à questão 05:

**Quadro 3: (Questão 05) O que mais você sente dificuldade no ensino de Língua Portuguesa?**

<b>Docentes</b>	<b>Respostas da questão 05</b>
Professora R	“O que mais dificulta, hoje, o ensino da Língua Portuguesa é a influência das linguagens advindas da mídia (o descuido vicia a forma de escrever) e a pouca leitura” (Professora R, 2023).
Professora M	“Ensinar os alunos a produzirem textos e sentir prazer pela leitura” (Professora M, 2023).
Professor P	“Atualmente, os alunos têm saído do fundamental I sem a aquisição de leitura e alfabetização gramatical básica para o desenvolvimento contínuo posterior” (Professor P, 2023).
Professora K	“Na aplicação e compreensão de regras da língua” (Professora K, 2023).
Professora I	“Ensino da norma-padrão” (Professora I, 2023).
Professor L	“Há várias dificuldades, entre elas a falta de atenção dos educandos para ouvir, bem como para escrever” (Professor L, 2023).
Professora J	“A falta de interesse dos alunos referente a prática da leitura e escrita de textos no ensino fundamental II” (Professora J, 2023).

Fonte: a autora (2024)

Nas respostas apresentadas pelos professores (R, M, P, L e J), percebemos que as maiores dificuldades do ensino de Língua Portuguesa estão na aprendizagem da leitura e da escrita. Sobre isso, as concepções desse grupo de docentes revelam que, hoje, os alunos são, ao mesmo tempo, leitores e produtores

textuais em massa, fazendo postagens em plataformas digitais, como, por exemplo, no *Instagram*. Vale ressaltar que muitas dessas publicações não levam em consideração o uso da leitura e da escrita formal, atitude que gera impacto na aprendizagem dessas práticas, ainda o cerne do processo de ensino na escola.

Nesse contexto, os docentes demonstraram preocupação com o ensino da gramática normativa, como mencionado pelos professores (P, K e I). Na década de 1980, Antunes (2009) já realizava pesquisas sobre a formação de leitores e o ensino da escrita e da gramática, e registrou vários depoimentos que a levou a entender o seguinte:

[...] é cabível concluir que a fixação quase obsessiva no ensino da gramática – cuja caracterização, muitas vezes, a escola mesma não sabe bem o que é – tem deixado a sala de aula sem tempo para a leitura. O mais grave é que aquilo que se concebe como sendo ‘ensino de gramática’, na verdade, é apenas o ensino das classes de palavras, fora de qualquer contexto de interação, com ênfase em sua nomenclatura e quase nada sobre suas funções na construção e na organização dos textos, conforme, reiteradamente, temos referido em nossos trabalhos (Antunes, 2009, p. 186, grifo da autora).

Além disso, o professor L citou que tem dificuldade em manter a atenção dos alunos durante a aula, algo que deve ser revisitado, continuamente, no planejamento pedagógico de muitos professores. Sobre isso, Libâneo (2013) define o planejamento escolar como “[...] uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face aos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino” (Libâneo, 2013, p. 245).

Para o professor P, o maior problema ocorre quando os educandos saem do Ensino Fundamental (séries iniciais) sem serem alfabetizados e, conseqüentemente, esse atraso é um impedimento ao desenvolvimento da aprendizagem nas séries finais do Ensino Fundamental.

Por fim, a professora R advertiu que as linguagens advindas da mídia influenciam no modo de escrever dos alunos, bem como a pouca leitura. Contudo, a BNCC (Brasil, 2018), na décima competência da Língua Portuguesa para as séries finais do Ensino Fundamental, defende ser preciso:

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais (Brasil, 2018, p. 87).

É importante perceber que as mídias têm poder de influenciar a todos nós, que somos usuários assíduos da Internet. No ensino, os educadores podem usar isso a favor do conhecimento, através de curadorias desenvolvidas pelos próprios alunos, fazendo demonstrações de quais sites produzem conteúdos de qualidade, fazer análises de postagens em redes sociais, dentre outras possibilidades. Todavia, não há como monitorar os conteúdos acessados pelos educandos, que também vivem imersos nesse ambiente digital. Ainda assim, é interessante indicar conteúdos digitais significativos e a busca de fontes confiáveis.

De fato, todas essas concepções são inquietações recorrentes no ensino da Língua Portuguesa. Isso tem sido a principal preocupação das instituições escolares da educação básica, mesmo que os profissionais sejam formados na área, é

necessário rever os procedimentos metodológicos do ensino, e elaborar estratégias que chamem a atenção dos alunos para o momento das aulas.

A questão 06 interrogou a importância dada a determinados conteúdos nas aulas de Língua Portuguesa. Nesse ponto, listamos os seguintes conteúdos: leitura de obras literárias, ensino de vocabulário, produção de textos/redação, ensino de gramática, e variação linguística. A partir disso, os participantes atribuíram uma nota entre um e cinco, e, por meio dessas respostas, entendemos qual o conteúdo foi considerado o mais importante pelos professores, conforme pode ser visualizado no Quadro 4 a seguir.

**Quadro 4: (Questão 06) Numa escala de 1 a 5 (1 = desnecessário; 2 = razoável; 3 = bom; 4 = importante; 5 imprescindível), de que forma você considera a importância que deve ser dada aos conteúdos listados a seguir nas aulas de Língua Portuguesa?**

<b>Docentes</b>	<b>Respostas da questão 06</b>
Professora R	Leitura de obras literárias (4); Ensino de vocabulário (5); Produção de textos/redação (5); Ensino de Gramática (4); Variação linguística (5).
Professora M	Leitura de obras literárias (5); Ensino de vocabulário (3); Produção de textos/redação (5); Ensino de Gramática (4); Variação linguística (5).
Professor P	Leitura de obras literárias (5); Ensino de vocabulário (5); Produção de textos/redação (5); Ensino de Gramática (4); Variação linguística (5).
Professora K	Leitura de obras literárias (5); Ensino de vocabulário (5); Produção de textos/redação (5); Ensino de Gramática (5); Variação linguística (5).
Professora I	Leitura de obras literárias (4); Ensino de vocabulário (5); Produção de textos/redação (5); Ensino de Gramática (5); Variação linguística (4).
Professor L	Leitura de obras literárias (4); Ensino de vocabulário (5); Produção de textos/redação (5); Ensino de Gramática (5); Variação linguística (5).
Professora J	Leitura de obras literárias (4); Ensino de vocabulário (4); Produção de textos/redação (5); Ensino de Gramática (5);

	Variação linguística (3).
--	---------------------------

Fonte: a autora (2024)

Por meio das respostas registradas pelos docentes, podemos perceber que não há desvalorização de conteúdos, pois em nenhum deles foram atribuídas notas abaixo de três. Contudo, as menores notas foram direcionadas à variação linguística, em que a Professora I marcou nota 4 e a professora J marcou nota 3, as quais consideraram um conteúdo menos relevante.

Nesse contexto, retomando o perfil das educadoras I e J, ambas atuam em instituições escolares de rede particular, levando-nos a entender que esse ambiente exige um uso mais refinado da língua, desconsiderando o estudo da variação linguística, ademais, atribuindo o *status* inferiorizado de uso da língua.

Nessa perspectiva do estudo da variação linguística, os demais professores assinalaram nota 5. Entendemos, assim, que os profissionais reconhecem a importância de um trabalho que aborde a temática da variação linguística. Desse modo, é na escola pública que encontramos os maiores índices de uso das variedades linguísticas de menor prestígio.

Já sabemos que a variação ocorre em todos os níveis da gramática e que falantes pertencentes a grupos diferentes (determinados por questões sociais e geográficas, entre outras) irão apresentar diferentes variedades (Coelho *et al.*, 2015, p. 19).

No que se refere aos demais conteúdos, na alternativa *Leitura e obras literárias*, os professores R, I, L e J marcaram nota 4, enquanto os demais professores (M, P e K) atribuíram nota 5. Sobre a relevância do **Ensino do vocabulário**, apenas a professora J registrou nota 4, já que os outros, que compõe a maioria, deram nota 5. No conteúdo *Produção de textos/redação*, todos os docentes marcaram nota 5. Sobre o **Ensino da gramática**, apenas as professoras R e M deram nota 4; o restante, 5.

Sabemos que cada conteúdo listado na questão 06 possui extrema importância para o ensino de Língua Portuguesa. Contudo, consoante as concepções dos professores participantes da pesquisa, o ensino da Produção de textos/redação se destacou em primeiro lugar. Assim, entendemos que o ensino da produção textual tem predominância na prática educativa desses docentes. Nesse sentido,

Aprender a escrever é uma tarefa que requer esforço, por parte dos alunos e do professor para que o aprendizado vá além da simples tarefa de assinar o nome, que antes era considerada critério necessário e suficiente para se dizer que um brasileiro sabia ler e escrever (Oliveira, 2010, p. 109).

Vale reiterar que buscamos, principalmente, compreender em que medida o conteúdo variação linguística seria relevante para os professores, ou seja, sua importância para o ensino de Língua Portuguesa. Conforme mencionamos anteriormente, de sete professores, apenas duas atribuíram notas inferiores a 5. Esse percentual representa que esse assunto precisa estar incluso no ensino da Língua Portuguesa.

Em suma, as respostas apresentaram semelhanças e diferenças que refletem os modos de produção de conhecimento, que partem da orientação curricular exercida pelo trabalho docente de cada profissional.

A questão 07 propôs discutir um ponto importante: se os professores vivenciaram alguma forma de preconceito linguístico dentro de suas realidades escolares, conforme exposto no Quadro 05, a seguir.

**Quadro 5: (Questão 07) Você já presenciou algum tipo de preconceito linguístico em sua sala de aula? Se, sim. Relate o ocorrido.**

<b>Docentes</b>	<b>Respostas da questão 07</b>
Professora R	“Sempre. Todos os dias é preciso reforçar sobre o respeito aos diferentes dizeres e explicar que o ensino da língua formal não anula a oralidade e a forma coloquial. Constantemente os alunos tentam corrigir uns aos outros” (Professora R, 2023).
Professora M	“Não. Pois sempre trabalho sobre isso em sala de aula” (Professora M, 2023).
Professor P	“Não. Como os alunos, em sua maioria se conhecem, existe o respeito entre eles. Todavia já ocorreu de ser mencionado em sala de aula por determinado aluno, mas não direcionado a algum, e, logo, com gentileza e nos fazendo compreender, tentamos analisar a palavra e o significado que a mesma apresenta para um determinado contexto” (Professor P, 2023).
Professora K	“Não” (Professora K, 2023).
Professora I	“Não. O que já presenciei foram alguns alunos brincando com algumas palavras, entre eles” (Professora I, 2023).
Professor L	“Já presenciei vários. Preconceitos com o sotaque e com o uso de palavras pertencentes a outra região do Brasil, são alguns preconceitos” (Professor L, 2023).
Professora J	“Não.” (Professora J, 2023).

Fonte: a autora (2024)

A resposta apresentada no quadro 05 mostra que, até o momento dessa pesquisa, a maioria dos professores (M, P, K, I e J) participantes não chegou a presenciar o preconceito linguístico no exercício do trabalho escolar. A Professora M alegou que já trabalha a temática em sala de aula, o que instrui os alunos a não cometerem este tipo de preconceito.

De acordo com Bagno (2009), há diferentes tipos de preconceitos, e ele enfatiza que não há sustentabilidade racional para reproduzi-los. Segundo o autor, “[...] são resultados da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica” (Bagno, 2009, p. 13).

O Professor P afirmou que já fez uma ação mediadora para os alunos compreenderem certos vocábulos, provavelmente informais, trazidos para o momento da aula, e realizou a mediação de forma contextualizada. Por sua vez, a Professora I destacou que não se deparou com o preconceito linguístico em sala de aula, mas citou que seus alunos brincaram com algumas palavras entre eles. Talvez, mesmo inconscientemente e/ou indiretamente, dependendo do contexto, possam ter sido ações de preconceito com os diferentes falares.

Nesse sentido, as professoras K e J responderam que nunca presenciaram o preconceito linguístico em sala de aula. Por fim, apenas a Professora R e o Professor L já passaram pelo desconforto que é uma situação de preconceito linguístico vivenciado na escola.

No que tange a importância de se trabalhar a temática da variação linguística em sala de aula, vejamos, no Quadro 6 a seguir, as repostas dos participantes.

**Quadro 6: (Questão 08) Você acredita que o preconceito deve ser trabalhado em sala de aula. Por quê?**

<b>Docentes</b>	<b>Respostas da questão 08</b>
Professora R	“Sim. Para que se chegue ao estado de respeito mútuo é preciso discutir sobre o tema, desmistifica-lo, identificar suas causas para, então, buscar uma solução” (Professora R, 2023).
Professora M	“Não só deve como já vem nos livros didáticos” (Professora M, 2023).
Professor P	“Sim. Porque o preconceito ele se manifesta por múltiplas nuances, inclusive o linguístico. E que pode ser muito cruel. E a partir do preconceito linguístico, dar início a outros tipos de preconceitos” (Professor P, 2023).
Professora K	“Sim” (Professora K, 2023).
Professora I	“Sim, porque é muito importante que os alunos conheçam sobre o assunto para assim entender quando sofrer o preconceito como também não praticá-lo” (Professora I, 2023).
Professor L	“O preconceito linguístico deve ser trabalhado em sala de aula, pois tal ambiente deve ser acolhedor da diversidade e do respeito às diferenças” (Professor L, 2023).
Professora J	“Sim. Porque os alunos precisam aprender, desde cedo, a respeitar as diferenças” (Professora J, 2023).

**Fonte: a autora (2024)**

Na questão 08, as respostas dos professores concordam com a questão de que o assunto preconceito deve ser trabalhado em sala de aula pelos seguintes motivos: em prol do respeito mútuo (Professor R), para gerar um ambiente acolhedor da diversidade (Professor L), pelo respeito às diferenças (Professora J), o preconceito linguístico pode motivar a outros preconceitos (Professor P), para que os discentes entendam sobre o conteúdo, para não os praticar no presente nem no futuro (Professora I). A Professora K foi condescendente com as respostas, mas não entrou em detalhes, apenas afirmou que sim. E a Professora M, citou que os livros didáticos já trazem o referente conteúdo.

Considerando a concordância unânime dos professores, no que tange a necessidade do trabalho com a variação linguística em sala de aula, nota-se, que “Muitos professores, alertados em debates e conferências ou pela leitura de bons textos científicos, já não recorrem tão exclusivamente à gramática normativa como única fonte de explicação para os fenômenos linguísticos”. (Bagno, 2009, p. 105).

A seguir, no quadro 07, apresentamos de que forma os professores compreendem, de qual forma a temática deve ser abordada em sala de aula.

**Quadro 7: (Questão 09) De que forma você acredita que o preconceito linguístico deve ser trabalhado em sala de aula?**

<b>Docentes</b>	<b>Respostas da questão 09</b>
Professora R	“Levando os estudantes a compreender que a língua é um



	fenômeno vivo, em constante evolução. E mostrando que desde sua origem, a língua portuguesa se apropria de diversas formas de falar” (Professora R, 2023).
Professora M	“Trabalhando e mostrando que existe uma variedade linguística por diversos fatores e que devemos respeitá-las” (Professora M, 2023).
Professor P	“Os textos literários podem ser um dos principais meios para se trabalhar o preconceito linguístico, enfatizando a autoria e o trabalho hermenêutico da obra, assim como seu contexto de produção” (Professor P, 2023).
Professora K	“Deve ser trabalhado de forma ampla e simples em sua explanação para que o aluno compreenda a variação linguística e posteriormente não seja pego de surpresa quando se deparar com alguma situação de preconceito linguístico” (Professora K, 2023).
Professora I	“Por meio de conscientização, palestras, vídeo explicativo e debates sobre o tema” (Professora I, 2023).
Professor L	“Deve ser trabalhado ao abordar o tema; ao aprofundar os estudos a respeito da linguagem pluralizada no Brasil; ao promover atividades para o enfrentamento do(s) preconceito(s)” (Professor L, 2023).
Professora J	“Trabalhar em sala de aula o preconceito linguístico a partir da conscientização em relação à diversidade cultural do Brasil para combater a discriminação pela língua” (Professora J, 2023).

Fonte: a autora (2024)

A questão anterior perguntou aos professores se deviam trabalhar o conteúdo preconceito linguístico em sala de aula, e todos acordaram que sim. Dessa vez, a questão 09 buscou saber dos docentes de que maneira o referente conteúdo deve ser trabalhado em sala de aula, fazendo com que os discentes reflitam e tenham máxima compreensão do assunto.

Segundo a concepção dos educadores, o trabalho docente deve ser dirigido ao trabalhar com: a língua como um fenômeno vivo, e mostrando que a Língua Portuguesa dispõe de diferentes falares (Professora R), as variedades linguísticas (Professora M), os textos literários (Professor P), a variação linguística, de forma ampla e simples (Professora K), palestras, vídeo explicativo e debates, promovendo a conscientização (Professora I), atividades para o enfrentamento dos preconceitos (Professor L), conscientização em relação à diversidade cultural do Brasil visando o combate à discriminação dos diferentes falares (Professora J).

No que tange ao trabalho com a gramática normativa, questionamos os professores que tipos de benefícios tal conteúdo pode proporcionar aos aprendizes. No Quadro 4 a seguir, podemos visualizar as respostas para a referida indagação.

**Quadro 8: (Questão 10) Cite 3 benefícios que o domínio da gramática tradicional normativa pode trazer aos alunos.**

Docentes	Respostas da questão 10
Professora R	“1. Atingir o nível máximo na competência I da redação; 2. Saber adequar a fala ao contexto formal/informal; 3. Poder comparar situações em que ela precisa ser utilizada ou não” (Professora R,

	2023).
Professora M	“1. Fazer a redação do ENEM; 2. Ter uma boa oratória; 3. Resolver questões do ENEM contextualizadas” (Professora M, 2023).
Professor P	“1. Compreensão sintática das orações que constituem os textos; 2. Aliado da leitura e ampliação de vocábulos; 3. Escrita adequada” (Professor P, 2023).
Professora K	“1. Possibilita a competência linguística; 2. Desenvolve a prática consciente da língua; 3. Aquisição de desenvolvimento da escrita, fala, leitura e interpretação” (Professora K, 2023).
Professora I	“1. Uma boa comunicação; 2. Produção textual bem elaborada; 3. Mais segurança tanto ao ler quanto ao escrever” (Professora I, 2023).
Professor L	“1. O indivíduo será um bom falante; 2. A produção textual é mais valorizada; 3. Para se relacionar bem com os outros” (Professor L, 2023).
Professora J	“1. Melhorar a qualidade de produção textual; 2. Falar e se expressar corretamente; 3. Auxilia a leitura e a compreensão textual” (Professora J, 2023).

Fonte: a autora (2024)

No processo do ensino da Língua Portuguesa, consideramos a gramática normativa como um sistema complexo de regras, com intenção de regular a linguagem, a fim de estabelecer padrões de escrita e de fala dos indivíduos. Apesar dessa rigorosidade, faz parte da instrução dos discentes da educação básica. Mas, há um diferencial na forma de ensinar gramática, ou seja, hoje em dia, não se mantém um método único para sua aplicação no contexto escolar.

Por isso, na questão 10, questionamos pelos menos três benefícios que o domínio da gramática tradicional normativa oferece aos alunos. No que se refere aos fins didáticos, segue a síntese das respostas dos educadores sobre exemplos de benefícios da gramática normativa à aprendizagem dos alunos: o desenvolvimento da habilidade da escrita de textos (mencionado por todos os professores), habilidade importante para a futura redação do ENEM, no Ensino Médio (Professora M), bem como auxilia a leitura (Professores M, P, K, I, L e J).

Aprender, pois, a gramática normativa, sob a orientação do professor, favorece o desenvolvimento das habilidades da leitura e da escrita. Além disso, essas competências linguísticas adquiridas pelos discentes promovem: a adequação da fala ao contexto formal e informal (Professora R), a uma oratória eficiente (Professora M), a uma boa convivência (Professor L), o falar e se expressar corretamente (Professora J), assim como ajuda na interpretação textual, segundo os Professores M, P, K, I, L e J.

Retomando a pergunta da questão 10, observamos as respostas dos professores que atuam na rede particular de ensino e analisamos suas concepções sobre os benefícios do domínio da gramática, por parte dos alunos, percepções que coincidem. A Professora I respondeu que serve para uma boa comunicação e ter segurança ao ler e ao escrever. Já o Professor L mencionou que convém à oralidade dos alunos e para um relacionamento eficiente entre si, e afirmou, também, que a produção textual é mais valorizada.

Ademais, a resposta da Professora J não foi diferente, pois a profissional entende que o estudo da gramática melhora a qualidade da leitura, da escrita e da compreensão textual dos estudantes. Então, é interessante ressaltar que os professores das escolas particulares têm a gramática normativa como pré-requisito para ler e escrever adequadamente. De acordo com o que sugere Bagno (2009):

É preciso escrever uma *gramática da norma culta* brasileira em termos simples (mas não simplistas), claros e precisos, com um objetivo declaradamente didático-pedagógico, que sirva de ferramenta útil e prática para professores, alunos e falantes em geral (Bagno, 2009, p. 114, grifo do autor).

Logo, no modo de conduzir o processo de ensino da gramática normativa, sentimos falta de que os professores citassem sobre a importância do desenvolvimento de estudo da gramática de forma contextualizada.

No que tange às práticas pedagógicas reais relacionadas a situações que trazem à tona a disseminação do preconceito linguístico em sala de aula, lançamos uma situação hipotética para os professores na intenção de compreender como seria sua reação diante de tal problemática. O Quadro 9 a seguir nos permite visualizar tais respostas.

**Quadro 9: (Questão 11) Imagine a seguinte situação hipotética: um aluno começa a rir de outro colega em sala de aula porque diz que ele não sabe falar, que ele diz “bicicreta” ao invés de “bicicleta”. Como professor, de que forma você tentaria resolver essa situação?**

Docentes	Respostas da questão 11
Professora R	“Mostrando que as variedades linguísticas existem e precisam ser respeitadas” (Professora R, 2023).
Professora M	“Mostraria a questão do preconceito linguístico e apresentaria o autor Marcos Bagno” (Professora M, 2023).
Professor P	“Sem dúvida, ocupando, também, essa posição de mediador de conflitos traria o contexto em ênfase e usaria para explicar as variantes linguísticas existentes em nosso país, as interlocuções e suas reproduções identitárias. Isso tudo de forma leve e empática para os dois lados, construção vocabular do enredo, interlocução, etc. Demonstrando a diversidade e os múltiplos sistemas de produção comunicativa” (Professor P, 2023).
Professora K	“Orientaria dando algumas dicas importantes tais como: respeitar as diferenças linguísticas, orientar o respeito da pronuncia dos outros, promover conversas acerca de evitar fazer piadas ou comentários ofensivos sobre a forma de falar das pessoas, discutir a diversidade” (Professora K, 2023).
Professora I	“Conversaria com o ‘agressor’ em particular, explicaria que existem variações linguísticas e o conscientizaria que devemos respeitar a forma de falar dos outros colegas, assim também como conversaria e explicaria a vítima” (Professora I, 2023).
Professor L	“Explicando que na língua portuguesa não há o certo ou o errado, mas o adequado e o inadequado” (Professor L, 2023).
Professora J	“Em primeiro caso, pediria para o colega evitar os risos. Depois explicaria o que é preconceito linguístico, mostrando que os modos de falar são muitos e bem diferentes” (Professora J, 2023).

Fonte: a autora (2024)

Dentre as ocorrências que expressam preconceito linguístico, a questão onze expõe um suposto caso de variação linguística no nível fonológico, em que sua situação hipotética está presente na realidade educacional de muitas instituições, em que alunos costumam rir e corrigir outros colegas por enunciarem uma palavra que foge à norma padrão da Língua Portuguesa. Como foi relatado na questão onze, um caso de **“Rotacismo: troca de consoante [l] pela consoante [r], como ocorre em *pranta* (por ‘planta’), *Framengo* (por ‘Flamengo’), *probrema* (por ‘problema’), *bicicreta* (por ‘bicicleta’), etc.”** (Coelho *et al.*, 2015, p. 26, grifos dos autores).

A partir do episódio criado, buscamos conhecer quais medidas seriam tomadas pelos professores para conter o desconforto gerado pelos risos. Por vezes, essa é uma mediação complexa, porque o professor precisa estar sensibilizado com ambas as partes, corrigir de uma maneira que não humilhe o agressor e nem coloque a vítima em uma posição ainda mais delicada. Desse modo, os educadores relataram abordagens advindas de reflexões bem amadurecidas.

No que tange às dificuldades elencadas pelos professores no processo de ensino de língua portuguesa, o Quadro 10, a seguir, nos demonstram as respostas para o referido questionamento.

**Quadro 10: (Questão 12) Você encontra dificuldades no ensino da língua portuguesa? Caso sim, quais?**

<b>Docentes</b>	<b>Respostas da questão 12</b>
Professora R	“Sim. As facilidades de comunicação que a internet proporciona acabam tomando o ensino da língua portuguesa um processo, por vezes, chato, devido a quantidade de informações que seu ensino demanda” (Professora R, 2023).
Professora M	“Sim. O material didático do professor precisa ser reformulado, mas ainda bem que o plano de aula é flexível” (Professora M, 2023).
Professor P	“Sim. Dificuldades no letramento literário, no aspecto de compreensão gramatical de escrita. O uso de intervenção tecnológica desmedida e inadequada” (Professor P, 2023).
Professora K	“Sim. A falta de interesse por leitura” (Professora K, 2023).
Professora I	“A maior dificuldade é a falta de interesse em aprender, por parte dos alunos” (Professora I, 2023).
Professor L	“Sim. Dificuldades de concentração dos educandos durante às aulas e a conversa exagerada, tem como a influência negativa da ‘nova mídia’ na fala e na escrita” (Professor L, 2023).
Professora J	“Sim. Os alunos, nos dias atuais, mostram-se pouco interessados na leitura e literatura, desta forma, acabam dificultando o ensino e o aprendizado da língua portuguesa e, conseqüentemente a produção textual” (Professora J, 2023).

Fonte: a autora (2024)

Com base nisso, todos os docentes participantes da pesquisa alegaram enfrentar dificuldades no ensino de Língua Portuguesa por diferentes fatores, a exemplo de: dificuldades de concentração dos educandos e conversas paralelas no momento da aula, de forma exagerada (Professor L); falta de interesse pela leitura

(Professora K); pouco empenho à leitura e à literatura (Professor P e Professora J); incompreensão gramatical (Professora M). A Professora R citou que os alunos tomam o ensino da Língua Portuguesa como exaustivo.

Além disso, os Professores R, P e L mencionaram que, apesar dos aparelhos eletrônicos, recursos e ferramentas tecnológicas auxiliarem no processo de ensino, mesmo assim, a influência da Internet e das novas mídias digitais, em parte, atrapalham o ensino e geram o insucesso dos estudantes em relação às aprendizagens. Isso ocorre, principalmente, pelo uso desmedido e inadequado das tecnologias, conforme o Professor P citou. Nesse sentido,

[é] preciso que o professor esteja disponível para aprender com a realidade, extrair dos alunos informações sobre a sua vida cotidiana, levá-los a confrontar os seus próprios conhecimentos com a informação embutida nos conteúdos escolares (Libâneo, 2013, p. 254).

Por isso, o ensino precisa acontecer mediante um processo bem-planejado e estruturado. Sob essa ótica, é no planejamento que o docente pensa em como vai despertar no aluno o gosto pelo conhecimento, levando em consideração seus interesses e, principalmente, os condicionantes sociais que auxiliam ou afetam o desempenho dos discentes nas atividades escolares. Sendo assim,

[u]m professor não pode justificar o fracasso dos alunos pela falta de base anterior; o suprimento das condições prévias de aprendizagem deve ser visto no plano de ensino. Não pode alegar que os alunos são dispersivos; é ele quem deve criar as condições, os incentivos e os conteúdos para que os alunos se concentrem e se dediquem ao trabalho (Libâneo, 2013, p. 254).

Em suma, a escola é um âmbito primordial à formação dos sujeitos, tendo o dever de oferecer um ensino de qualidade em prol do desenvolvimento da aprendizagem dos discentes. Segundo Bagno (2009):

[...] temos que combater o preconceito linguístico com as armas que dispomos. E a primeira campanha a ser feita, por todos na sociedade, é a favor da mudança de atitude. Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria auto-estima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós (Bagno, 2009, p. 115).

Para finalizar, foi questionado aos professores sobre os impactos que os referidos profissionais acreditam que o preconceito linguístico pode acarretar para a vida dos aprendizes. O Quadro 11, a seguir, nos fornece as respostas para tal indagação.

**Quadro 11: (Questão 13) Em sua opinião, quais impactos o preconceito linguístico pode causar à vida do estudante?**

<b>Docentes</b>	<b>Respostas da questão 13</b>
Professora R	“Perca da autoestima, desestímulo, evasão escolar” (Professora R, 2023).
Professora M	“Frustração, medo de falar em público e escrever textos” (Professora M, 2023).
Professor P	“Pode ocasionar o desconforto do aluno em sala de aula, sua

	inibição em face ao público, pode ocasionar desmerecimento pessoal, etc.” (Professor P, 2023).
Professora K	“O preconceito pode afetar o desempenho do estudante, principalmente aqueles que falam uma variedade linguística diferente da linguagem padrão” (Professora K, 2023).
Professora I	“Desencadeamento de ansiedade, depressão, síndrome do pânico e outros traumas negativos como consequência” (Professora I, 2023).
Professor L	“Ser excluído socialmente; prejuízo à autoestima; dificuldade de conseguir um emprego; ter medo de expor suas ideias e por achar que está falando errado, a pessoa sente-se inferior” (Professor L, 2023).
Professora J	“O estudante pode se sentir envergonhado, causando prejuízos à autoestima e <i>gerando</i> exclusão social” (Professora J, 2023, grifo nosso).

Fonte: a autora (2024)

Vale ressaltar que há problemas sociais que fogem ao controle do ensino. A partir disso, buscamos compreender a opinião dos professores acerca de quais impactos o preconceito linguístico pode causar à vida dos estudantes. Com isso, as consequências decorrentes desse preconceito específico, semelhante a muitos outros, só tendem a afetar a qualidade de vida dos indivíduos, podendo acarretar doenças, tais como: ansiedade, depressão, síndrome do pânico e outros traumas, segundo argumentou a Professora I.

Conforme as concepções do restante dos educadores, outros danos podem ser gerados à vida dos indivíduos, são eles: prejuízo à autoestima (Professores R, L e J); desestímulo, evasão escolar (Professora R); desconforto do aluno em sala de aula e inibição face ao público (Professores P e L); afetar o desempenho do estudante (Professora K); exclusão social (Professores L e J).

Nessa seção, procuramos mostrar como os docentes de Língua Portuguesa que atuam em escolas particulares e públicas percebem a importância do trabalho com a variação linguística em sala de aula, na busca de compreender as estratégias educacionais que eles utilizam para abordar o preconceito linguístico, temática de extrema importância, que está presente na esfera social de muitos estudantes.

Por todas as exposições apresentadas até aqui, seguem as nossas considerações finais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo promoveu uma discussão acerca do fenômeno da variação linguística no âmbito do contexto escolar. Sabendo que a língua varia e muda ao longo do tempo, buscamos compreender como esta temática é tratada no ensino da Língua Portuguesa atualmente. Tal prática envolve a formação de alunos reflexivos e conscientes acerca do uso formal e real da língua.

Para esse trabalho de natureza qualitativa e de caráter descritivo, conseguimos a participação de sete professores da educação básica — de escolas públicas e particulares — que se disponibilizaram a responder um questionário

correspondente à investigação. De acordo com suas experiências profissionais, os educadores apresentaram concepções fundamentais à construção dos resultados e discussões.

Nesse sentido, a pergunta de pesquisa buscou saber quais as concepções de professores de Língua Portuguesa sobre o entendimento e a importância do trabalho com a variação linguística. O objetivo geral consistiu em analisar a visão dos professores de Língua Portuguesa acerca da temática da variação linguística.

No primeiro objetivo específico alcançado, percebemos a importância do trabalho com a variação linguística em sala de aula, pois em relação à Língua Portuguesa, o docente deve esclarecer que a referente língua não é uma estrutura pronta e acabada, pelo contrário, é variável e mutável. Além da norma padrão, que se estuda na escola, existem variedades linguísticas em uso real, por vezes, consideradas de menor prestígio, por serem distintas da gramática normativa.

Por meio do segundo objetivo específico, compreendemos de que forma os professores trabalham o preconceito linguístico na escola, visto que as respostas foram bem gerais. No que se refere à presença desse preconceito em específico, a maioria dos docentes alegou que nunca se deparou com uma situação de preconceito linguístico em sala de aula. No entanto, dois educadores mencionaram já terem enfrentado essa realidade, contudo não entraram em maiores detalhes.

A partir das respostas, percebemos que os docentes que trabalham em escola pública reconheceram a importância de a temática do preconceito linguístico ser discutida com os alunos, e trabalhada em sala de aula. Contudo, cabe destacar que dois dos professores de escolas particulares deram maior ênfase à instrução da gramática normativa.

Em nossa perspectiva, o estudo da variação linguística contribui para o respeito às variedades linguísticas usadas pela maioria dos sujeitos sociais, para que os estudantes expressem atitudes linguísticas positivas, evitando, assim, constrangimentos e desrespeito às variedades linguísticas. Isto é, sem anular a importância do ensino da língua formal, que se estuda na escola.

O terceiro objetivo específico foi contemplado quando descrevemos as concepções dos docentes da educação básica acerca do fenômeno da variação linguística. Em síntese, professores apresentaram encaminhamentos eficientes, que podem levar os estudantes a compreenderem que a língua é viva e está em constante evolução, evoluindo devido a diferentes fatores. Conforme os participantes da pesquisa afirmaram, é preciso utilizar diversas estratégias de ensino para conscientizar os discentes sobre a gravidade da discriminação pela língua.

Primordialmente, os professores de Língua Portuguesa têm a missão de desenvolver estudos com a variação linguística e esclarecer os mitos provenientes do preconceito linguístico presente na realidade de muitos estudantes. Ou seja, desenvolver uma prática educativa para não o reforçar.

Sob o viés da Sociolinguística Variacionista, consideramos a nossa pesquisa indispensável para ressignificar a importância do trabalho com a variação linguística em sala de aula de quaisquer redes educacionais, seja privada, pública, filantrópica, dentre outras. Logo, o preconceito linguístico, como um dos problemas que assolam a sociedade, muitas vezes é normalizado. Desse modo, por ser um mecanismo de exclusão, não deve imperar na escola nem em outros ambientes da vida social.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 de out. de 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Luana Anastácia Santos de. Atitudes Linguísticas: discussão acerca da língua como representação da identidade cultural do falante. LINS, *In*: Juarez Nogueira; LOPES, Paulo Aldemir Delfino; OLIVEIRA, Antônio Flávio Ferreira de (orgs.). **Linguagem e usos sociais: práticas linguísticas, literárias e discursivas**. João Pessoa: Ideia, 2018. p. 93-108.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.



## **AGRADECIMENTOS**

Aqui, expresso toda a minha gratidão àqueles que caminharam comigo.  
Agradeço à minha orientadora profa. Dra. Anilda pela atenção, dedicação, apoio; esse projeto não seria possível sem a sua ajuda.  
Obrigada a minha mãe pela dedicação às minhas filhas durante o curso.  
Agradeço, também, ao meu esposo pelo companheirismo e apoio.  
Agradeço às minhas filhas Lara Alves, Brenda Alves, Antônia Valentina e Teresa Helena.  
Agradeço aos meus colegas de trabalho que, por muitas vezes, seguraram minha ausência no serviço.  
Obrigada a todos os profissionais que contribuíram para minha formação acadêmica.  
Por fim, agradeço a todos àqueles que contribuem na minha trajetória acadêmica e fizeram com que a jornada universitária fosse mais leve e cheia de afeto.